

Projeto Letras do disco

Contos inspirados em discos clássicos

Por Roberto Cassano

Ok Computer

Radiohead

Brogue do Cassano • www.cassano.com.br



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/>

*Please could you stop the noise I'm trying to get some rest?
From all the unborn chicken voices in my head
What's that, what's that*

*When I am king you will be first against the wall
With your opinion which is of no consequence at all
What's that, what's that*

*Ambition makes you look pretty ugly
Kicking squealing gucci little piggy*

*You don't remember, you don't remember, why don't you remember my
name*

*Off with his head man, off with his head man
Why don't you remember my name?– I guess he does*

*Rain down, rain down, come on rain down on me
From a great height, from a great height, height
Rain down, rain down, come on rain down on me
From a great height, from a great height, height*

*That's it sir, you're leaving,
the crackle of pig skin,
the dust and the screaming
The yuppies networking
the panic, the vomit,
the panic, the vomit
God loves his children,
God loves his children, yeah*

Paranoid Android

– Eles sonham?

– Quem?

– Eles. – E apontou para a embalagem plástica de ovos sobre o balcão da pia da cozinha. Sue o olhou desconfiada e voltou a ler o *Financial Times*. Deu um gole no café, acompanhou a performance acionária da empresa de biotecnologia onde é pesquisadora, mordeu um *donnut* e conferiu as análises para as futuras taxas de juros nos Estados Unidos.

Ele continuou olhando para os ovos por mais algum tempo, ignorado por sua patroa. Procurou enxergar vestígios de alma neles. Lembrou-se de quando viu uma galinha, viva, ainda com cabeça e com penas. Ela se movia. Comia algo no chão. E tinha pequenas galinhas que andavam atrás dela por todo o campo. Elas também comiam algo do chão. Eram parecidas com uma galinha grande, mas eram diferentes. Eram pintos. E, nesse mesmo dia, ele soube que antes de serem galinhas, e antes mesmo de serem pintos, eles eram ovos.

Por muitos séculos, as pessoas não fabricavam galinhas nem ovos. Galinhas nasciam. De ovos. Logo, concluiu, ovos também nasciam. Ovos deviam ter vida. Se tinham vida, tinham alma. Se tinham alma, sonhariam.

Mas os ovos lhe pareciam tão inertes... tão frágeis. Olhou para Sue, que dava mais um gole no café enquanto a página de vaivém do mercado era atualizada via Internet. Sue não se parecia com os ovos na embalagem de plástico. Ela era bonita. Tentou enxergar sua alma. Também não conseguiu.

– Ele ainda está aqui? – Perguntou o marido de Sue, entrando na cozinha enquanto finalizava o nó da gravata. Rapidamente, o criado encheu mais uma xícara e a deu ao patrão, que bebeu o café de pé.

– O quarto ainda está desarrumado... – disse Sue, numa voz robótica.

– Vou continuar com meus afazeres – ele disse, retirando o avental e saindo da cozinha. Do corredor, pôde ouvir fragmentos vindos de conversa “preocupação... coisas sem sentido... perigo?”.

Arrumou o quarto. Pôde ouvir as gotas de chuva batendo na janela da casa. Pensou nos ovos. E pensou de quão alto vêm os pingos de chuva. “Por que não sei essas coisas?”, questionou-se. Sentiu novamente a dor. Forte. Uma lâmina dilacerava seus neurônios, da base do pescoço à testa. Perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos.

Abriu os olhos. À sua frente, um porta-retratos mostrava vídeos de viagem de Sue com o Marido. Nepal, Nova York, Rio de Janeiro, Saara. Lugares que ele desconhecia.

Ao fim da tarde, preparou a sala de estar para receber visitas. Meia hora depois, eles chegaram. Ternos, gravatas e tailleurs com homens e mulheres dentro, carregando malas, celulares e cartões de crédito.

Enquanto malas, celulares e cartões de crédito faziam negócios, homens e mulheres dentro de paletós comiam pratos de biscoitos amanteigados que ele fazia e que a cada

cinco minutos eram repostos. E bebiam café e chá. E falavam em números. Vez em quando mostravam os dentes uns para os outros. Quase sorriam.

Ele os mantinha ocupados comendo enquanto as malas faziam negócios. Para descontraí-los, os homens e as mulheres contavam uns para os outros o que seus cartões de crédito tinham comprado de mais caro. Sue terminou de mastigar um biscoito e se levantou. Entregou alguns papéis ao marido, ajeitou sua gravata e puxou uma pasta preta de dentro de sua bolsa. Os demais se calaram. Sue se voltou para a porta e fez sinal para que o criado se retirasse. “Eles querem se livrar de mim. Eu faço perguntas demais. Eles vão se livrar de mim.”

Voltou para seu quarto. No escuro, colocou a roupa de dormir. Deitou a cabeça no travesseiro. Olhou pela janela. Podia ver gotas de chuva se esmagando contra o vidro, e depois escorrendo até desaparecer. Podia vê-las, mas não sabia de onde elas vinham. Nem porque. Devia haver um porque.

As negociatas na sala de estar chegavam a ele como um burburinho mecânico e ininteligível. Pensou nos ovos. E na chuva. E no Saara, no Rio de Janeiro. “Perigo”. “Sentido”. Virou de lado. Tapou os ouvidos. De algum lugar vinham pequenos ruídos, agudos, como alguém arranhando uma mesa com as unhas. O murmurinho continuava. Pôs o travesseiro sobre a cabeça.

Verbetes de dicionário começaram a surgir em sua mente. “Ignorância”, “Escravidão”. E então vieram imagens. Pães tostados saltavam quentes e heróicos de torradeiras mecânicas. Sue olhava o café e se servia do *Financial Times*. O aspirador de pó circulava pela casa, aspirando e desviando dos móveis. A caixa de ovos sobre a bancada. Ruído. Vozes.

Pareceu entender algumas palavras “Vocês vão permitir uma coisa dessas?” “Mas se ele descobrir?” Roupas orbitavam uma hélice, sendo atacadas por partículas azuis de sabão que flutuavam na água. As roupas giravam, sem saída. Um dicionário se abriu. “Escravidão”. “O que ele está fazendo aqui?” Uma gravata. O nó se aperta. Uma dúzia de gravatas. O nó se aperta. Faces ficam avermelhadas. A boca aberta busca ar. O nó da gravata se aperta. Paletós ficam de joelhos, uma bola roxa sobre o colarinho branco e bem passado. Nós. E ruídos. E chuva na janela. Ovos na bancada. Ovos rachados. “A performance da Biotech Corp foi aquém das expectativas do Mercado”. Torradas. Roupas. Gravatas. “Escravidão”. E os primeiros pios.

Primeiro um piar solitário, depois dois, três, dezenas. Centenas de vozes de galinhas não nascidas. E vozes na sala. E palavras, eletrodomésticos. Ele enfiou os dedos no colchão. Penas de ganso começaram a flutuar pelo quarto. Ele olhou as penas voando na penumbra. Pios. Ruído. Eletrodomésticos. Fechou os olhos. Abriu os olhos. Já não fazia diferença. Tec-tec-tec na janela. Vozes na sala. Os ovos na bancada. Almas não nascidas. Perguntas sem resposta. O jogo de facas na bancada. Gritou.

– Os analistas precisam avaliar a performance da Biotech no longo prazo... o que foi isso? – O marido olhou para Sue, preocupado.

Sue se levantou. Pediu desculpas a um coreano de gravata e foi até o quarto do criado. Acendeu as luzes. O ar estava tomado por milhões de penas que flutuavam como se não houvesse gravidade. Fora isso, estava vazio. Sue caminhou pelo longo corredor até a cozinha.

Sobre a bancada da pia, ao lado do suporte vazio de facas, uma dúzia de ovos quebrados, clara e gema espalhados pela madeira arranhada, escorrendo pelo armário, sujando o chão. No canto da cozinha, sentado, abraçando os joelhos e chorando, estava o criado.

– Eu os matei. Eu os matei. Mas as vozes continuam. Aqui. Na minha cabeça. Eles querem que os liberte. Mas eles não estavam nos ovos. Eles não estavam... onde ficam as almas?

– Ovos não têm alma...

– Por que eu não sei essas coisas? Por que eu sei fazer 45 receitas de macarrão? Por que não sei nada sobre a chuva?

Um relâmpago fez a árvore de galhos retorcidos do quintal parecer fantasmagórica. A chuva batia com força nas janelas de vidro.

– Você não sabe essas coisas porque não precisa saber isso. Por favor, largue a faca.

– Qual é meu nome? – Perguntou o criado, se erguendo, faca em punho.

O marido apareceu na porta. Um coreano estava atrás dele, e ficou na ponta dos pés tentando ver o que se passava na cozinha.

– Qual é meu nome? Você não se lembra do meu nome. Você não dá nome para a torradeira... o aspirador não tem nome... eu não tenho nome! Eu não tenho nome!

Avançou, faca em punho, suando frio. E chorando. Parou. Levou a mão à tempôra e a apertou com força.

– Tira essas vozes de dentro da minha cabeça... eu vejo imagens quando durmo... eu ouço sons...

– Ele sonha! – Surpreendeu-se o marido. Sue fez sinal para que ele se calasse. Pegou o telefone e começou a discar alguns números.

– Parem com as vozes! Parem com as vozes!

– *Jeiro... Jeiro* estranho, né? – Comentou o coreano com outro engravatado.

Sue olhou para o fogão, e então para o criado.

– Não faça isso.

– Qual é meu nome?

– Não faça isso.

– Qual é meu nome?

– Você é só a porra de uma máquina! Você não tem nome! Satisfeito? – Sue avançou em sua direção, babando. Queria alcançar o termostato do fogão – Você não tem nome, você não tem alma, você é a porra de uma máquina!

– Então eu imagino que também não deva sentir dor – concluiu o criado, subitamente calmo. Sue parou onde estava e o olhou nos olhos pela primeira vez em cinco anos. Ele sorriu. Tentou encontrar a alma de Sue. Não conseguiu. Ela notou um brilho estranho em seus olhos. E pôde ver esse brilho refletido na lâmina da faca enquanto ela voava em sua direção, atingindo uma tomada de eletricidade na parede oposta.

Ele não sabia dizer por quanto tempo estivera inconsciente. Sentiu a grama molhada tocando seu rosto e seu corpo à prova de fogo. Sentiu o cheiro de queimado da roupa esfarrapada. Gostou de ambas as sensações. Ergueu-se com dificuldade. Virou-se para a casa em chamas, cercada por caminhões dos bombeiros. A chuva caía do alto sobre ele.

Abriu os olhos. Estava em seu quarto, olhando para o teto. Sua roupa de dormir estava intacta, assim como o colchão. Na janela, um céu azul ensolarado. Havia sonhado. Ergueu-se com a nítida impressão de que havia sentido a chuva o tocar, gotas que vinham do alto, de muito alto, chocando-se contra ele. Caminhou zozinho até a cozinha, para preparar o café da manhã, como de costume.

Entrou no cômodo, abriu a geladeira e tirou alguns ingredientes. Lembrou-se de que não havia posto os ovos na geladeira e se virou para a bancada da pia. A embalagem estava lá, mas os ovos estavam todos quebrados. Confuso, se aproximou deles. Abertos. Do outro lado da cozinha, ouviu algo. Apurou os ouvidos tentando identificar o que era. Então, com um sorriso, percebeu. Era um pio.

* * *